

## **O excesso, a ilustração e o intempestivo. Resíduos patrimoniais ou as três figuras da evasão democrática<sup>1</sup>**

Noël BARBE<sup>2</sup>

*LAHIC, Laboratório de Antropologia e história da instituição da cultura, Paris*

A Convenção da UNESCO sobre o patrimônio cultural imaterial, adotada em 2003 e ratificada pela França em 2006, teve a particularidade de colocar no espaço patrimonial, aquilo que denomina como participação, o que aparece tanto no corpo do texto<sup>3</sup> quanto ao que concerne sua aplicação<sup>4</sup>.

Tratando-se de modelos localizados em regimes democráticos, a noção de participação não pode estar descolada do debate teórico sobre democracia participativa. Essa questão é mais precisamente aquela da democracia deliberativa, emerge teoricamente nos anos 60-70 e ganha força nos anos 80<sup>5</sup>, em um contexto teórico sempre marcado por concepções elitistas da democracia que se aproxima da rejeição da idéia de bem comum e de cidadãos ativos e participantes da vida política: a seus olhos haveria nisso interesses divergentes e cidadãos manipuláveis<sup>6</sup>.

As correntes teóricas da democracia deliberativa, ainda que possam divergir sobre um certo número de pontos, entendem reabilitar essa idéia de bem comum, idéia que se associa com a questão patrimonial se consideramos que um bem

---

<sup>1</sup>Uma primeira versão desse texto foi apresentada no seminário organizado pelo LAHIC em conjunto com a Universidade de Laval no Museu do Quai Branly em 26 de janeiro de 2010. A questão do patrimônio como resíduo foi tratada por ocasião de uma conferência no Museu da vida da Borgonha em Dijon em 19 de junho de 2010. Alguns elementos dessas comunicações são retomados aqui.

<sup>2</sup> LAHIC, Laboratório de Antropologia e história da instituição da cultura, Paris

<sup>3</sup>Especificamente nos artigos 11 e 15 e no artigo 2..

<sup>4</sup>Entre os quais se pode citar o de Havana, *Novas abordagens da diversidade cultural: o papel das comunidades*, em fevereiro de 2006 ou o de março de 2006 em Tokyo, etc.

<sup>5</sup>Nos remetemos aqui a antologia de textos reunidos por Charles GIRARD e Alice LE GOGG (eds.), *La démocratie délibérative. Anthologie de textes fondamentaux*, Paris, Hermann, 2010.

<sup>6</sup>Por exemplo Joseph A. SCHUMPETER, *Capitalisme, le socialisme et les démocraties*, Paris Payot, 1967 (1942): « Em primeiro lugar não existe nenhuma entidade consistindo em um bem comum unicamente determinado sobre o qual todos os homens possam estar de acordo ou assim fazê-lo pela força dos argumentos racionais » p. 343. « É extremamente fácil transformar os leitores de jornais, ouvintes de rádio, membros de um partido, mesmo que não estejam lado a lado, em uma massa em transe sobre a qual toda tentativa de argumentação racional serve para excitar as paixões irracionais"», p. 350 et 351.

patrimonial torna visível, metafóricamente, aquilo que uma tem de seu, quer dizer, aquilo que a distingue de outras e pode durar através do tempo e das mudanças<sup>7</sup>.

A esse campo teórico se agrega, na Europa ocidental e em outros lugares, um desenvolvimento de diferentes dispositivos que se dispõem sobre essa questão democrática. Por exemplo, os dispositivos de democracia participativa na França ao longo do tempo e em particular desde os últimos quinze anos, se multiplicaram: conselhos de bairros, consulta participativa, conselhos consultivos de jovens, estrangeiros ou experts, agenda 21, conferências de consensos, comissão nacional do debate público, orçamento participativo, etc. A democracia dita de proximidade entra em lei em 2002, a participação no nível internacional se tornou uma dimensão inevitável do desenvolvimento durável e de certo número de ações da ONU sendo essa palavra inscrita, em 2004, no projeto do Tratado constitucional da União Européia. Logo uma espécie de “imperativo deliberativo”<sup>8</sup> desenvolveu-se no interior da ação pública. De certa forma tudo leva a questão patrimonial a ser inserida nesse debate.

Por ocasião da aplicação pela França (mas não somente) da Convenção sobre o patrimônio cultural imaterial, a questão da participação se transforma em “na noite todos os gatos são pardos”, a assinatura de cartas pelos membros de uma comunidade ratificando a iniciativa de experts ao voto de uma assembléia representativa regional disposta por procedimentos de descentralização. De todas as formas há um grande risco que essa questão da participação termine por ser tratada como é no campo urbano<sup>9</sup>, seja como uma simples formalidade sem conteúdo ou uma técnica de governo, sem que se discuta as formas participativas das “comunidades”, dos “grupos”,

---

<sup>7</sup> André Micoud, « Le Bien commun des patrimoines », in : Patrimoine culturel, patrimoine naturel, Paris, La Documentation française, 1995, p. 25-38.

<sup>8</sup> Cf. Loïc BLONDIAUX et Yves SINTOMER, « L’impératif délibératif », *Politix*, 57, 2002, p. 17-35 ; Yves SINTOMER, *Le pouvoir au peuple : jurys citoyens, tirage au sort et démocratie participative*, Paris, La Découverte, 2007 ; Loïc BLONDIAUX, *Le nouvel esprit démocratique. Actualité de la démocratie participative*, Paris, Seuil, 2008 ; Pierre ROSANVALLON, *La légitimité démocratique. Impartialité, réflexivité, proximité*, Paris, Seuil, 2008.

<sup>9</sup> Cf. Jacques DONZELOT et Renaud EPSTEIN, « Démocratie et participation : l’exemple de la rénovation urbaine », *Esprit*, 326, 2006, p. 5-34.

dos “indivíduos”<sup>10</sup>. É verdade que a questão da participação coloca sob tensão uma prática habitual, a saber aquela da intervenção de especialistas para designar bens patrimoniais com o fim de publicizar e fazer reconhecer um valor pré-estabelecido em um relatório pedagógico. Assim defender a participação e mais precisamente a deliberação, conduz por vezes a se expor à críticas entre esses especialistas. A questão disposta pela Convenção tem a vantagem de autorizar um deslocamento, ou seja, suspender uma harmonia pré-existente de distribuição de competências, de produzir o dissenso e de reconfigurá-lo <sup>11</sup>.

Nesse texto abordamos a maneira sob a qual comunidade, grupo ou indivíduo são considerados em operações patrimoniais particulares, no meio museológico no qual a questão da participação não é colocada como central, acompanhando um determinado museu que é o das Casas Comtoises instaladas em Nancray, perto de Besançon, fundada por Jean Garneret (1907 - 2002). Padre e antropólogo, Garneret foi autor de inúmeros artigos e obras acadêmicas abordando vários temas regionais, monografias de aldeias, canções populares, literatura oral, arquitetura rural, arquitetura urbana bem como três obras mais reflexivas que o abade classificou como ensaios. Ele foi também o fundador ou co-fundador do museu do camponês de Courcelles na região de Doubs, em outubro de 1952; do museu popular comtois instalado na cidadela de Besançon em 1960 e do museu de casas comtoises em Nancray, empreendimento levado com obstinação a mostrar em um mesmo lugar

---

<sup>10</sup>Essa questão é colocada também em outros campos de intervenção da UNESCO como o da escolarização. De acordo com M. BRAY, *Partenariat avec les communautés dans l'éducation : dimension variation et implication*, Paris, Unesco, 2001. Igualmente no campo da educação Shaeffer distingue sete graus em uma escala de participação das comunidades, da simples utilização de uma escola à tomada de decisões em todas as etapas., M. BRAY, 2001, *op. cit.*, p. 11. Ver igualmente Candy LUGAZ, *Participation des communautés et accès à l'éducation des groupes défavorisés*, Paris, Unesco, 2008.

<sup>11</sup> No sentido no qual essa questão aparece na obra de Jacques RANCIÈRE. Sendo principalmente a idéia que « a política não é o exercício pelo poder e a luta pelo poder. É a configuração de um espaço específico, o recorte de uma esfera particular da experiência, de objetos colocados como comuns e derivados de decisões comuns, de sujeitos reconhecidos como sendo capazes de designar esses objetos e argumentar sobre eles. Eu havia tentado mostrar como a pol+itica era mesmo o conflito sobre a existência desse espaço, sobre a designação de objetos como derivados do coletivo e sujeitos com a capacidade de falar por esse coletivo », *Politiques de l'esthétique*, Paris, Galilée, 2004, p. 37.

diferentes “espécies”<sup>12</sup> da arquitetura rural e em razão disso uma primeira casa foi desmontada em 1976.



Fig.1-Jean Garneret

A escolha por esse museu se explica tanto pelo conhecimento de sua história e princípios fundadores<sup>13</sup>, como em razão de termos tido um ação como Conselheiro de Etnologia junto à Direção Regional de ações culturais de Franche-Comté, ao mesmo tempo peixe vermelho e fora do aquário para retomar a imagem de Paul Veyne<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Empregamos provisoriamente esse termo, discutido pelo próprio Garneret .

<sup>13</sup>Nos reportamos aqui a Noël BARBE, « Esquisse d'un portrait de Jean Garneret en intellectuel catholique », in : Noël BARBE e François LASSUS (eds.) *Jean Garneret et l'ethnologie régionale*, Besançon, Éditions du Folklore Comtois, 2008, p. 253-286.

<sup>14</sup> Paul VEYNE, *Foucault. Sa pensée, sa personne*, Paris, Albin Michel, 2008, p. 11.

Nossa perspectiva é aquela de uma epistemologia política, quer dizer o exame dos laços entre as concepções de ciência e da política<sup>15</sup>.

### **Paradigmas**

Esse empreendimento museológico particular tendo como objeto a « arquitetura rural » se encontra na confluência de três paradigmas: o tipo, a fórmula e o espécime, o objeto destacado, retumbante.

### **O TIPO**

Em 1937 é criado o Museu Nacional de Artes e Tradições Populares e ocorre em Paris o Congresso Internacional de Folclore por ocasião da Exposição Universal. Essa criação foi apresentada repetidamente como fundadora da etnologia da França. Essa visão, por mais precisa que seja, não é menos reducionista no sentido que numerosos paradigmas<sup>16</sup> científicos foram mobilizados no quadro da criação e do desenvolvimento do Museu Nacional de

Artes e Tradições Populares. Marc Bloch (1886-1944) e Albert Demangeon (1872-1940) foram membros do comitê de organização do congresso de 1937<sup>17</sup>. Na

---

<sup>15</sup> Bruno Latour, « Note sur quelques sens des mots « science » et « politique » dans l'expression « science politique », [en ligne] <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/105-POL-SCI-RFSP.2.pdf> (consultado em 31 março de 2008), artigo submetido a Revista Francesa de Ciências Políticas.

<sup>16</sup> Empregamos o termo a partir de Thomas Khun, tal como foi utilizado por Isabelle Stengers : « um paradigma é sobretudo, de ordem prática. O que é transmitido não é uma visão de mundo mas uma maneira de fazer, uma forma não apenas de julgar os fenômenos mas de conferir a eles uma significação teórica, mas também intervir, submetê-los a exposições inéditas, explorar a menor consequência ou o menor efeito do paradigma para criar uma nova situação experimental », em Isabelle STENGERS, *L'invention des sciences modernes*, Paris, Flammarion, 1995, p. 60. Sobre a questão da fundação do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares, de acordo com Jean-René TROCHET, « Sciences humaines et musée : du musée d'ethnographie du Trocadéro au musée national des Arts et Traditions Populaires », *Géographie et Cultures*, 16, 1995, p. 3-30.

<sup>17</sup> Sobre esse congresso ver Catherine VELAY VALLANTIN, « Le congrès international de folklore de 1937 », *Annales. Histoire, sciences sociales*, 2, 1999, p. 481-506. Anterior a esse Congresso, Albert Demangeon foi vice-presidente da Comissão de pesquisas coletivas dirigida por Lucien Febvre que, em

subseção de civilização material e seção do folclore descritivo, Demangeon fez uma comunicação sobre as casas rurais. Isso não foi nada de novo em sua produção pois ele já havia publicado em 1920 seu famoso artigo “A habitação rural na França: ensaio de classificação dos principais tipos”<sup>18</sup>.

Em 1937 para a exposição internacional é ele que faz o catálogo “A casa rural na França”. Ele descreve o que pensa ser a maneira de abordar esse objeto: “para estudar a casa rural é preciso partir dessa idéia fundamental que é um fato de economia agrícola. Devemos defini-la não apenas por seus materiais e suas formas externas, mas a partir de seu plano interno, quer dizer as relações que esse plano estabelece entre os homens, animais e coisas, a partir de sua função agrícola. [...] Através desses princípios podemos reconhecer na França dois grandes tipos de casas rurais que diferem essencialmente por sua disposição interior e, em cada um desses tipos, duas variedades. Os dois grandes tipos são, em primeiro lugar a casa-bloco na qual tudo o que é essencial se agrupa sob o mesmo telhado, em uma só unidade (os anexos pode ser colocados depois); em segundo lugar a casa-pátio que se compõe de várias construções ordenados a volta do pátio.[...]A casa-bloco compreende duas variedades: a casa térrea e a vertical. Na casa-térrea o essencial dos espaços utilizáveis se encontra na planta baixa [...] Na casa vertical há também tudo o que é essencial sob o mesmo espaço, mas em vez de justapor os elementos da construção, ela os sobrepõe: os donos no andar superior e animais e serviços no térreo [...] A casa-pátio compreende duas variedades : a casa com pátio interno fechado e aquela com pátio interno aberto.

Na *casa com pátio interno fechado* os prédios se tocam de maneira a fechar um pátio interior.[...]Na *casa com pátio interno aberto* os prédios não se tocam [...]. É preciso acrescentar a essas quatro variedades de habitações rurais aquelas onde se pode armazenar coisas e que levam o nome de *casas elementares*: casas de camponeses pobres com duas peças e mesmo com uma única peça; casa subterrâneas

---

1934, difunde questionários sobre os buquês colheitas, cozinhas e forjas de aldeia (sobre esse ponto ver . Noël Barbe, « *La forge de village* en Franche-Comté, no prelo) », — e as formas de transporte rurais. O primeiro se integra na problemática dos ritos de passagem de Van Gennep, o segundo aborda as gorduras alimentares, a forja se aproxima de um ponto de vista econômico enquanto que a análise dos veículos é descritiva.

<sup>18</sup> Albert DEMANGEON, « L’habitation rurale en France. Essai de classification des principaux types », *Annales de géographie*, 161, 1920, p. 352-375. Esse texto foi reeditado em 1942, no volume póstumo *Problèmes de géographie humaine*, Paris, Armand Colin, pp. 260-287.

cravadas na rocha e sobretudo casas temporárias espalhadas sobre os altos platôs das montanhas”<sup>19</sup>.

Cada um desses tipos arquiteturais está ligado a um tipo de economia agrícola distribuída no espaço. Assim, como exemplo entre outros, a casa térrea “é extremamente disseminada na França” e “parece associar-se com a pequena propriedade, ou seja, com a forma de estabelecimento rural mais encontrada na França”<sup>20</sup>.

Funcionalismo econômico e tipologia ancorada sobre a morfologia das casas, eis aqui duas grandes formas de abordagem que são recorrentes e influenciam sempre os projetos culturais, ou científicos, do mundo museológico; havendo uma tendência a ocorrer o predomínio da abordagem morfológica sobre a econômica<sup>21</sup>.

Seguir o fio vermelho da arquitetura rural, no quadro do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares, nos conduz inevitavelmente a uma pesquisa realizada entre 1942 e 1946. Um número entorno de cinquenta jovens arquitetos organizaram 1759 monografias de habitações rurais, de acordo com normas comuns a todas: plantas, aberturas, elevações, descrição da casa, dos prédios anexos, da área, da situação no terreno. Foi o famoso Canteiro 1425<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> Albert DEMANGEON, « La définition et le classement des maisons rurales », *L'amour de l'art*, 7, juillet 1937, p. 3.

Esse número é consagrado à exposição internacional e em particular à « exposição da casa rural francesa ».

<sup>20</sup> *Ibid.*

<sup>21</sup> Se pode medir a diferença de equipamento com a etnologia exótica através, por exemplo, das análises que faz Claude Lévi-Strauss sobre as relações entre organização do espaço, sistema social e sistema religioso. Assim no caso da aldeia Bororo : « a distribuição circular das cabanas ao redor da casa dos homens é de uma tal importância no que concerne a vida social e a prática do culto, que os missionários salesianos da região do Rio das Garças aprenderam rápido que a forma de converter os Bororos era fazê-los abandonar suas aldeias por outras nas quais as casas estivessem dispostas de forma paralela. Desorientados em relação aos pontos cardeais, privados de um plano que fornecesse um argumento a seu saber, os indígenas perdem rapidamente o sentido da tradição, como se seu sistema social e religiosos [...]fosse muito complexo para ultrapassar o esquema tradicional da aldeia » Claude LÉVI-STRAUSS, *Tristes tropiques*, Paris, Librairie Plon, 1955, p. 250.

<sup>22</sup> Eis o que disse Georges-Henri Rivière nos *Arquivos suíços das tradições populares* em 1947 : « Em 1941, se manifestam os primeiros sinais de um renascimento, de maneira inesperada. Um francês corajoso, Edmond Humeau, teve a audácia de fazer admitir nos serviços de « luta contra o desemprego » do Ministério do Trabalho, uma espécie de ditadura oculta sobre o desemprego intelectual. Alguns espa-

O que escreveu sobre isso Georges-Henri Rivière, conservador do museu, explicita a referência disciplinar das energias científicas mobilizadas: “Reconheçamos também os valorosos pareceres dos professores de geografia das Universidades de Lille, Paris, Nancy, Caen, Rennes, Poitiers, Bordeaux, Dijon, Lyon, Clermont, Montpellier e Toulouse [...] a esses (os jovens arquitetos pesquisadores) devemos homenagear pelo novo instrumento que nos colocaram em mãos, não sem anexar a essa jovem equipe o nome de Albert Demangeon, o mestre de todos nós”<sup>23</sup>. Referindo-se a Exposição de 1937 sobre a casa rura complementa “a exposição da casa rural, realizada com o apoio do sempre lembrado Mestre Albert Demangeon, nos dá a oportunidade de uma primeira expressão museográfica”.<sup>24</sup>

Nas instruções entregues aos jovens arquitetos antes de sua saída a campo, a classificação de Demangeon constitui a espinha dorsal da análise morfológica.

### ***o espécimen***

O material é retomado em 1973 por Jean Cuisenier e constituirá o *Corpus da arquitetura rural*. Esse corpus apresenta regionalmente os espécimes dos principais tipos de habitação e suas variações significativas. Um tipo é concebido como uma classe de casas reconhecidas como similares e distintas de outras identificadas como diferentes pelo antropólogo. Três grupos de variáveis são levados em conta na tipologia: de início as informações básicas: sítios, conveniências sociais, meios de

---

ços foram instituídos e uns quarenta jovens arquitetos foram enviados às várias regiões do país para estudar as casas tradicionais levando em conta a região, formas de viver, condições técnicas, sociais e econômicas.

Providos de cadernos de campo, croquis e fotografias, mais de mil monografias foram feitas em 86 departamentos. »

Georges-Henri RIVIÈRE « Un Musée-Laboratoire : le Musée des Arts et Traditions Populaires (Paris) », *Archives suisses des traditions populaires*, 1947, tome XLIV, p. 151. No comitê de direção desses trabalhos estava Rivière, Maget, Duchartre, os arquitetos Guy Pison e Urbain Cassan. Sobre esse período ver Daniel FABRE, « L’ethnologie française à la croisée des engagements (1940-1945) », in : J. – Y. BOURSIER (ed.), *Résistants et Résistance*, Paris, l’Harmattan, 1997, p. 319-400 e Christian FAURE, *Le projet culturel de Vichy. Folklore et révolution nationale, 1940-1944*, Lyon/Paris, Presses Universitaires de Lyon/Éditions du CNRS.

<sup>23</sup> Citado por Jean-René Trochet, op. cit.

<sup>24</sup> Georges-Henri RIVIÈRE, op. cit., p. 149.

execução. Em seguida os componentes arquiteturais: partes constitutivas e disposições. No que se refere as disposições seis grandes variáveis são fundamentais : o número de prédios compondo o terreno, a localização da casa, a separação entre a casa e o terreno, a coabitação entre homens e animais, a fachada, o celeiro. Para os que possuem partes constitutivas, quatro são colocadas como discriminando uma tipologia: telhado, toldos, escada externa, chaminés. Finalmente dois grupos de variáveis sobre os procedimentos de construção seja no que se refere aos materiais como as técnicas. Cada tipo, subtipo e variante significativa de um tipo remete a um modelo exemplificado por um espécime.<sup>25</sup>

### ***objeto retumbante***

Tal como vimos, Jean Garneret toma algumas precauções ao falar de “arquitetura rural do Comtois”, tendo em vista a problemática desenvolvida por Jean Cuisenier, em particular no que se refere as questões de tipo e tipologia: “outra armadilha que voluntariamente evitamos são as tipologias. Assim como vemos similitudes entre as casas de tal e tal região, evitamos identificar uma que seria a *típica* e que portanto teria inspirado as demais. Assim como não há duas folhas idênticas, não há duas casas que o sejam. O método tipológico supõe o que sempre foi impossível (em razão do grande número de construções ainda visíveis e do número também grande daquelas que desapareceram), ou seja, um conhecimento total das casas entre as quais se escolheria algumas que apresentariam menores danos. Considerando que o trabalho anterior não foi feito, toda tipologia que se baseia em elementos recolhidos ao acaso nos parece sem base científica”<sup>26</sup>. Na segunda edição da *A casa do montanhês*, Garneret se apóia em Lucien Febvre para reafirmar sua posição anti-tipologias: “Quando possuímos então boas monografias regionais, apenas nesse momento poderemos agrupar dados e compará-los....poderemos assim retomar a questão do conjunto, mas sem absolutizá-lo. Proceder de outra forma seria partir, por

---

<sup>25</sup>Nos reportamos aqui a introdução feita por Jean Cuisenier para cada um dos volumes regionais publicados. Nos remetemos aqui a introdução do volume sobre Franche-Comte « Proposições teóricas e convenções terminológicas terminológicas para uma tipologia de arquitetura rural » in : Claude ROYER, *L'architecture rurale française. Franche-Comté*, Paris, Berger-Levrault, 1977, p. 13-16.

<sup>26</sup> Jean GARNERET, Pierre BOURGIN, Bernard GUILLAUME, *La maison du montagnon*, Besançon, Folklore Comtois, 1981, p. 1.

uma espécie de rápida incursão, de duas ou três grande e simples idéias. Isso seria passar à margem do individual, do irregular »<sup>27</sup>.

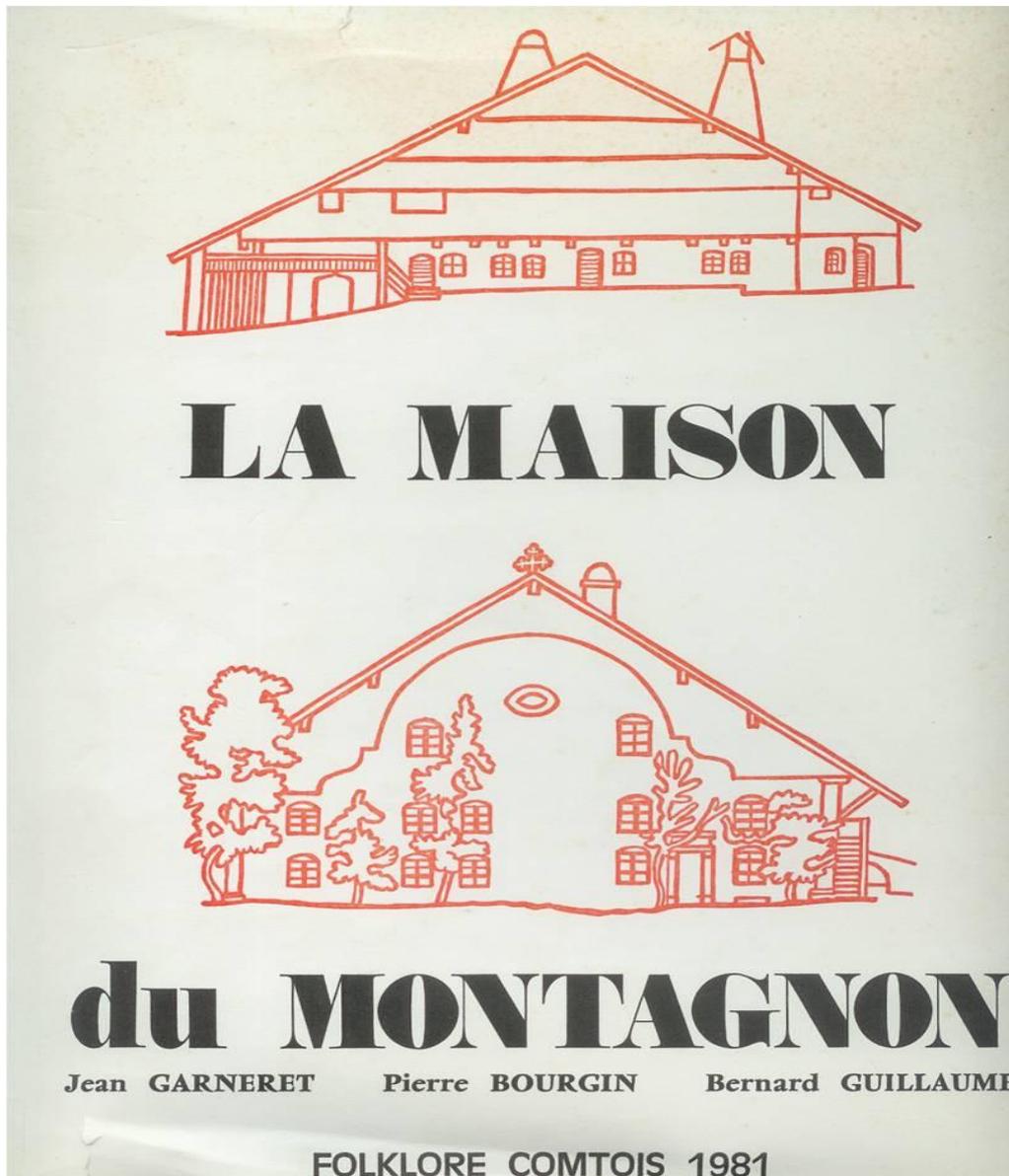


Fig.2- Casa do montanhês

Três divergências, ao menos, operam ai : sobre o que define um tipo, sobre a qualificação das relações entre os objetos que derivam do mesmo tipo, sobre a ação de

---

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 2. Nesse momento da história da disciplina Lucien Febvre luta contra os sociólogos a quem recrimina por seu determinismo sociológico que ele julga muito inconsistente. Toma a defesa das monografias regionais dos geógrafos tentando assim uma anexação dessa disciplina.

pesquisa e das modalidades de compreensão do real. Ali onde Jean Cuisenier vê o tipo como uma construção abstrata a qual não corresponde necessariamente uma forma pura em sua realidade, Jean Garneret vê casas particulares e reais que incorporam outras. Ali onde para Jean Cuisenier não há necessariamente um real parentesco entre duas casas particulares que derivam de um mesmo tipo, esse tipo é historicizado por Garneret, reinserindo as casas em um movimento concreto que as faz derivar umas das outras.

De um lado Jean Cuisenier adota o princípio e a construção de uma generalização que se faz pela seleção de traços comuns e abandono de singularidades e detalhes. Isolando, escolhendo e formalizando unidades em uma operação estruturalista, as formas de escrita que resultam se assemelham à fórmula canônica do mito em Levis-Strauss<sup>28</sup> ou a escrita formal dos motivos parentais por André Leroi-Gourhan<sup>29</sup>. Assim, “o espécime FC 01 é portanto caracterizado, ao fim das contas, pela seqüência de valores nominais: FC01 = P(11/21/31/41) A(113/123/131/14212/1521/162/2123/223/232/242)T (122/211/321)”<sup>30</sup>.

Essa operação de filtragem do visível permitindo transcrevê-lo em uma linguagem<sup>31</sup>, nesse caso de analistas, está apoiada em uma concepção da ação de construir baseada na lingüística, os elementos constituindo uma casa eram apresentados como derivados de um estoque possível de elementos, tal como o locutor se referindo a um dicionário de palavras possíveis.<sup>32</sup> Jean Garneret se apóia sobre um objeto singular- a casa que resume o melhor possível, as outras- logo singular e já construída. Essa questão da singularidade (do detalhe, do diferente) e da generalidade (a generalização, a abstração) como forma de acesso ao real, opera não somente no objeto arquitetura rural tal como é objetivado por Garneret, mas também no conjunto dos domínios de investigação: “[...]o estudo exato dos modos particulares da vida de uma aldeia, de uma família ou uma profissão não pode derivar de princípios

---

<sup>28</sup> « [...] todo mito (considerado como o conjunto de suas variantes) pode ser reduzido a uma fórmula canônica do tipo :: F x (a) : F y (b)  $\simeq$  F x (b) : F<sub>a-1</sub> (y) », Claude LÉVI-STRAUSS, *Anthropologie structurale*, chap. XI « La structure des mythes », Paris, Plon, p. 252.

<sup>29</sup> André LEROI-GOURHAN, « Préhistoire. Le problème religieux », in : Y. BONNEFOY (ed.), *Dictionnaire des mythologies*, Paris Flammarion, 1981, p. 302-310.

<sup>30</sup> Jean CUISENIER, *op. cit.*, p. 15.

<sup>31</sup> Para parafrasear Michel FOUCAULT à respeito da história natural, *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*, Paris, Gallimard, p. 147.

<sup>32</sup> Jean CUISENIER, *op. cit.*, p. 13.

gerais. O homem não seria conhecido em sua profundidade senão quando se estuda o indivíduo.»<sup>33</sup>

São esses dois modelos cognitivos diferentes que operam e se confrontam sobre a questão da generalização, problema recorrente na Ciência. Nos herdeiros intelectuais de Jean Garneret encontra-se o filósofo Maurice Blondel (1893-1949). Sem entrar nos detalhes de seu pensamento julgado excessivamente religioso pelos filósofos e muito racionalista pelos cristãos<sup>34</sup> é preciso observar o quanto lhe interessa essa questão das relações entre o singular e o geral no curso das operações de conhecimento, em termos aproximados dos de Garneret- salvo disposição em contrário: “Aristóteles, mais do que ninguém, buscou o remanescente no concreto, e no entanto a Ciência tal como é reduzida a concebê-lo, se restringe, para não se pulverizar na infinita diversidade do individual, ao genérico, ao geral, que se busca como essência, natureza inteligível mas que é sempre uma abstração do pensamento[...] O que é geral e *individual* são os termos da língua abstrata e do conhecimento de noções nas quais as definições lógicas levam a exclusões formais sobre o modelo das coisas em si mesmas. Reflitamos um instante sobre as representações mentais que evoca a palavra *individuo* : iremos ver uma espécie de sistema fechado, estranho a todos os outros, concebido e delimitado pelo que possui de próprio e irredutível, um *unicum*, uma espécie de átomo de fenômeno. Nenhum modo de fazê-lo entrar em uma unidade da ciência, *unum*. E então abordamos o *individual* em seu estado transformado e tratado como geral, como noção e nos afastamos dos “acidentes individuais” como de um lugar de perdição para o espírito.” Os “destroços do indivíduo” é insuportável, de onde a tentativa de se refugiar “nos terrenos do geral”, de um geral supostamente apreendido pelo maravilhoso golpe do espírito. Mas que arbitrária apreensão, que estranha escapatória de declarar, após ter fundado a ciência sobre a observação dos fatos, que ela pode cientificamente retornar a práticas, aos fatos e as ações! [...] Bastante diferente do *singular* e do *universal*, termos e dados da ordem real. Antes nenhuma ligação era possível entre dois conceitos rígidos e antitéticos. Agora é o contrário. O singular reflete a ordem total em

---

<sup>33</sup> Jean GARNERET, «Avant-propos », *Barbizier. Bulletin de liaison de Folklore Comtois*, 4, 1975, p. 306. Outro exemplo é Noël BARBE « Saisir le lieu. La taillanderie de Nans-sous-Sainte-Anne », in : J. -Cl. DAUMAS (ed.), *La mémoire de l'industrie : de l'usine au patrimoine*, Besançon, Cahiers de la MSH Ledoux, Presses universitaires de Franche-Comté, 2006, p. 111-129.

<sup>34</sup> Jean-Louis FABIANI, «Maurice Blondel », in : J. JULLIARD et M. WINOCK (eds.), *Dictionnaire des intellectuels français. Les personnes. Les lieux. Les moments*, Paris, Éd. du Seuil, 1995, p. 158-160.

um ser original, como o universal é apresentado a cada ponto real que contribui para a harmonia do conjunto. Eles se combinam e se unem no concreto que, como a palavra mesmo indica, significa ao mesmo tempo uma unidade expressiva e distinta e uma multiplicidade efetiva e sintética<sup>35</sup>”.

### ***Qualidades primárias e secundárias***

Cada uma dessas maneiras de fazer e submeter a exposições- tipo, especime e objeto retumbante – operam fazendo uma repartição da capacidade de dizer as qualidades do mundo, sendo as casas, de maneira particular, um compartilhamento entre qualidades primárias e secundárias

Em 1919, Whitehead observa na história das ciências “teorias da bifurcação da natureza”<sup>36</sup>, isto é teorias que consistem “em bifurcar a natureza em duas subdivisões”<sup>37</sup>, entre qualidades primárias, quer dizer a base do universal tal como é conhecido pelas ciências, qualidades reais e conhecidas e portanto desprovidas do sentido do vivido; e, de outro lado, qualidades secundárias experienciadas e vividas mas que não permitem aceder a realidade profunda das coisas. Essas qualidades secundárias se constituem pela subjetividade que é preciso acrescentar às qualidades primárias a fim de torná-las apreensíveis pelo sentido do mundo real.<sup>38</sup>

1. Sob esse ponto de vista o tipo funciona de maneira bastante simples, para não dizer simplista. Ele produz uma ausência, a presença dos habitantes não é necessária nem desejável pois são o excesso. Pouco importa suas maneiras de designar e usar suas casas, apenas as formas são convocadas assim que suas modalidades de agenciamento. Por exemplo, em julho de 1943, um dos arquitetos dos Canteiros 1425 encontra em Lantenne, Jean Garneret, também pároco do lugar, que o leva a fazer o relatório, em face da Cúria onde é abade, de algumas casas da aldeia, entre as quais a casa Guignaud. Nesse sentido ele anota em seu diário de campo: “é um tipo de fazenda que se encontra nos arredores de Besançon e que parece se estender para a região de

---

<sup>35</sup> Maurice BLONDEL, *L'itinéraire philosophique de Maurice Blondel. Propos recueillis, par Frédéric Lefèvre*, Paris, Spes, 1928, p. 76-79.

<sup>36</sup> A.N. Whitehead, *Le concept de nature*, Paris, librairie philosophique Vrin, 1998, p. 63 - 86.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 68.

<sup>38</sup> Bruno LATOUR, « Qu'est ce qu'un style non-moderne ? », in : J. AULONT, M. FRIED, C. Grenier et al. , *La Parenthèse du moderne*, Paris, Centre Pompidou, 2005, p. 32 et 33. Ver igualmente Isabelle STENGERS, *Pensez avec Whitehead. Une libre et sauvage création de concepts*, Paris, Le Seuil, 2002.

Haute-Saône [...] É a primeira fazenda com pátio interno fechado que encontrei no Departamento e provavelmente o começo de um novo tipo se estendendo em direção a Haute-Saône.” As ocorrências da palavra “tipo” colocadas em relação a um espaço de repartição, são numerosas sob sua pluma. Aliás, em 10 de novembro de 1942 ele explicita com precisão sua maneira de trabalhar: “tenho, portanto, determinada aqui a casa característica da região de Franche Montagne e dos Platôs de Sancey e Pierrefontaine. [...] Essa noção síntese imaginativa que vai conduzir minhas pesquisas de campo devo a meu conhecimento prévio da região e aos trabalhos na biblioteca do Museu de ATP, assim como aos numerosos interlocutores que me deram informações desde minha chegada na região. Eu posso, portanto, começar amanhã minha prospecção”<sup>39</sup>. Os interlocutores aos quais se remete não são os ocupantes das casas,<sup>40</sup> são no máximo pontos de passagem para acessar os prédios e podem ser obstáculos removidos graças a introdução feita pelo abade Garneret. Eles são qualquer coisa em excesso.

---

<sup>39</sup> Arquivos do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares.

<sup>40</sup> São sobretudo membros da administração municipal, professores universitários (geógrafos, filósofos, arqueólogos, historiadores), uma bibliotecária, um arquiteto de monumentos históricos, responsáveis pela Corporação camponesa.....

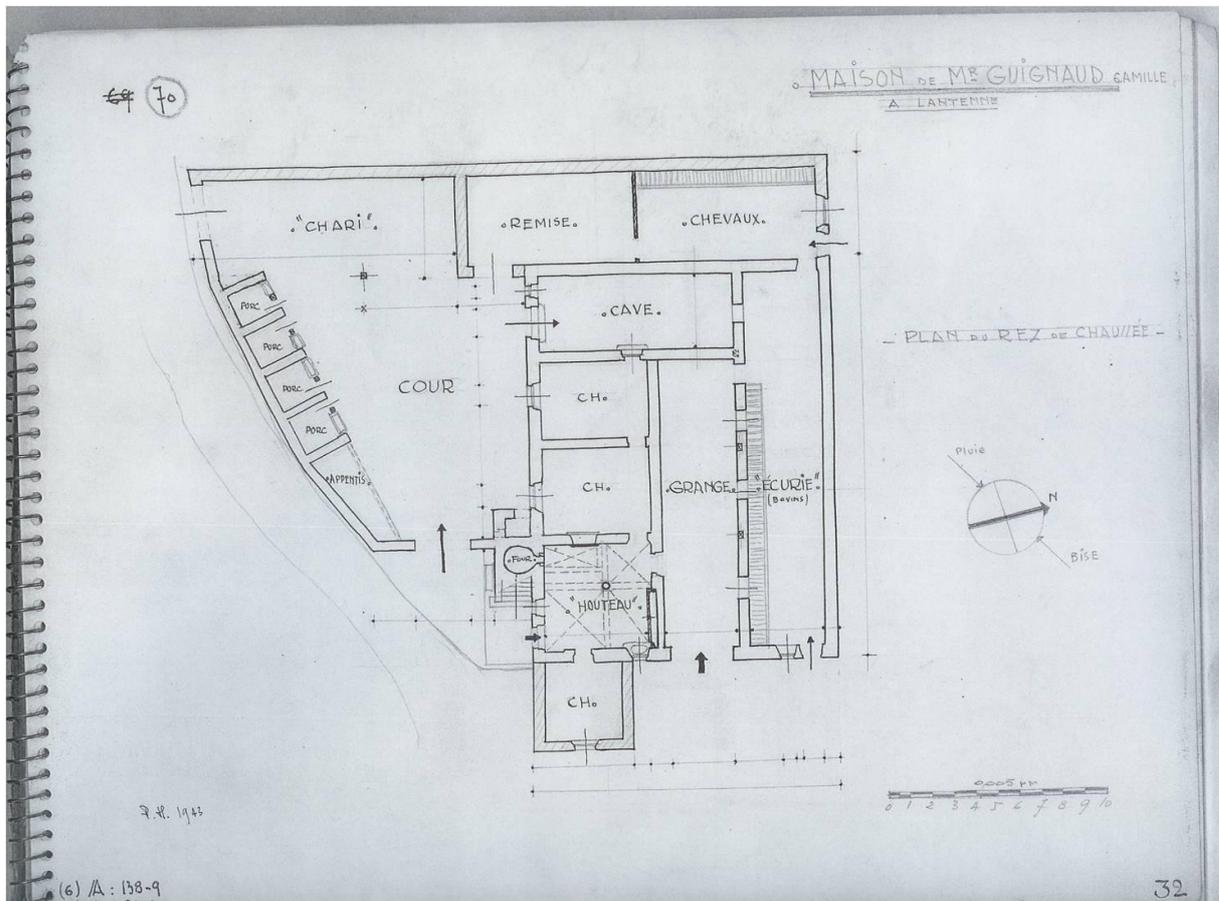


Fig. 3- Casa Guignaud

2. Com o espécime isso se altera pois, contrariamente ao tipo- abstração intelectual, estamos lidando com um ser ou objeto que dá uma idéia da espécie, da categoria da qual faz parte, logo um material representativo. <sup>41</sup> Um dos empreendimentos levados a termo pelo Museu de Casas comtoises entende dar atenção às qualidades secundárias: “O museu de Nancray solicitou um estudo sobre a organização do espaço no interior da casa rural tradicional, concernente aos três grandes tipos característicos definidos até agora. Três casas foram escolhidas [...]”. <sup>42</sup> Na previsão de uma ordem cronológica de pesquisas sucederam-se assim a Fazenda dos Guinots, uma casa de Ternuay no Vosges de Saône e uma casa situada em Montigny-les-Arsures.

<sup>41</sup> E não uma representação abstrata.

<sup>42</sup> Raymond GUILBERT, *Maison Pastorale. Les Guinots. Famille Guillaume*, 1991 (?), dactyl. p

Esse procedimento está se referindo diretamente com a tipologia estabelecida no volume *Franche-Comté do Corpus da arquitetura rural francesa*<sup>43</sup>: casa ligada ao pastoreio, casa vinculada à policultura e casa vinculado aos vinhedos. O autor faz igualmente referência à classificação de Demangeon: casa-bloco vertical que junta sob o mesmo teto todos os elementos do edifício. Praticando a observação participativa, conduzindo as entrevistas, Raymond Guilbert nos oferece as biografias dos ocupantes dessa casa dos Guinot, os elementos sobre a organização espacial das diferentes atividades humanas, seja de práticas que ali se desenvolvem e de atividades econômicas que se vinculam a ela.

A tarefa da etnologia no meio museográfico é habitual. Trata-se de recontextualizar o objeto e de conferir ao etnólogo uma posição de documentar: “o papel de recontextualização do etnólogo equivale ao desejo do conservador da reintrodução do humano, o contexto, isso que fala da humanidade que faltava ali.”<sup>44</sup> Essa re-humanização se coloca em face a dois obstáculos:

— o estatuto dos locutores e da ação humana observada. Por uma operação agressiva de pesquisa os ocupantes da Casa dos Guinots se vêem convocados a ilustrar, humanizar um tipo de arquitetura definido em outro lugar<sup>45</sup>. Em nenhum momento é colocada a questão de uma definição ou apreensão própria da arquitetura.

— a tentativa de colocar em ressonância duas escalas incompatíveis de pesquisa e de construção do objeto. Escolher uma escala consiste em selecionar um nível de informação que seja pertinente com o nível de organização a ser estudado. Uma escala é, inicialmente, a escolha de um ponto de vista de conhecimento<sup>46</sup>. Temos aqui de fazer a justaposição de duas escalas manifestadamente diferentes em termos de temporalidade, território de referência e generalização. Num caso, a casa de pastoreio, estamos numa escala de região e tipo; em outro de uma casa e no singular. Estamos em 1991 e o que se objetiva é a “arquitetura tradicional”. Nada autoriza uma conversão que consistiria em generalizar os comportamentos etnografados nessa casa, nesse momento, para se chegar a comportamentos-tipos de todos os moradores dessas

---

<sup>43</sup> Claude ROYER, *op. cit.*

<sup>44</sup> Jean-Louis Tornatore, « L’ethnologue et les musées : l’ethnologie comme expertise culturelle », comunicação apresentada para a Comissão permanente da Missão do patrimônio etnológico em 26 de maio de 1998.

<sup>45</sup> Sobre essa violência ver Michel DE CERTEAU, *L’invention du quotidien*, Paris, UGE, 1980.

<sup>46</sup> Parafraseamos aqui Bernard LEPETIT, « Architecture, géographie, histoire : usages de l’échelle », *Genèses*, 13, p. 118-138.

casas. Humanizar uma tipologia material não se pode fazer sem que se coloque a questão da generalização de comportamentos observados em um espaço singular.

Trata-se aqui de dispor as qualidades secundárias nas qualidades primárias, como se o modelo construído viesse ilustrar os modos de comportamento enquadrados pelo construído.

3. Após o excesso e o ilustrativo, o incidental é a terceira das figuras produzidas ou aquela talvez contra a qual o museu tenta se precaver <sup>47</sup>. Tomemos um exemplo: a cena se desenvolve em 7 de abril de 2005 na Capela de Huin sobre o primeiro platô do Doubs e coloca em interação, ao redor de uma mesa, no quadro de uma pesquisa sobre a casa rural, os moradores, uma casa, um membro da associação Folclore comtois fundada por Jean Garneret e com pretensões de continuar o trabalho desse, um etnólogo duplamente envolvido com essa associação e com a direção regional dos assuntos culturais de Franche-Comté. Bem real, essa cena pode ser descrita como um texto teatral :

Personagens.

-Odette G., 91 anos, antiga agricultora, última moradora da casa que pertencia a seu marido.

-Renée R., 90 anos, irmã do marido de Odette, viveu nessa casa durante sua infância. Vive sozinha em uma casa que pertenceu à família de seu marido.

-Louis P., 70 anos, antigo veterinário e conselheiro geral do Levier, membro da associação do Folclore comtois e “representante local”<sup>48</sup>.

-Christian G., por volta dos 50 anos, filho caçula de Odette e vivendo na aldeia.

-Jean G., 57 anos, filho mais velho de Odette. Viveu sua infância na casa e depois “retomou a fazenda de seu pai” e continua a criar vacas na parte agrícola da casa. Estando perto da aposentadoria não julgou positivo “modernizar” sua propriedade. Mora em uma casa nova na mesma aldeia.

---

<sup>47</sup> Ver Bruno LATOUR, *Politiques de la nature. Comment faire entrer les sciences en démocratie*, Paris, La Découverte, 1999.

<sup>48</sup> Nome dado pela Associação do folclore do Comtois aos que participaram localmente da pesquisa sobre a « casa dos platôs do Doubs e do Jura ».

- A maleta colocada sobre a mesa contendo os documentos da casa.
- Aurélie D., 25 anos, antropóloga, encarregada pela associação do Folclore comtois de realizar essa pesquisa com o suporte financeiro e científico da direção regional de assuntos culturais de Franche-Comté.
- E enfim a casa, que exerce um papel central nessa cena. É de fato para falar dela que esses atores estão reunidos ali.

#### CENA 1. Apresentações

Na casa de Odette G., Odette G., Louis P. e Aurélie D.

LOUIS P.

Então essa moça, porque é jovem...é encarregada pela associação da qual também sou membro, associação do folclore comtois, de nos preparar um.....enfim eu diria, a história da casa, não? Assim, a medida que vocês tenham lembranças[...] que permitam fazer viver um pouquinho as imagens ou os desenhos que nós recuperamos ano passado....

Odette g.

Ah sim..

Louis P.

Sim porque eles<sup>49</sup> vieram medir, fazer desenhos e tudo o mais. Então isso acompanhará o artigo que você escreverá sobre a casa.

ODETTE G.

Ohlalala ! [...] Não devo dizer bobagens então (risos).

#### cena 2 : ...repartir papéis

Os mesmos, entra Jean G.

Louis P.

Eu estava explicando a tua mãe seu papel nesse quadro da preparação do livro<sup>50</sup>, hein? Para isso fizemos a escolha de algumas casas [...] portanto em meu setor [...] escolhemos vossa casa em Capela de Huin, outra em Sombacour, outra em Levier.

---

<sup>49</sup> « Eles » designa os arquitetos que tiveram o acordo da Associação do Folclore Comtois para fazer as observações arquiteturais das casas analisadas.

<sup>50</sup> Quer dizer o projeto inicial de um segundo volume de uma coleção intitulada : « As casas camponesas em Franche-Comté » iniciado em 1980 pelo abade Garneret e sua equipe com a Casa do montahês.

Bom, em um primeiro momento há um plano que foi feito pelo Desenvolvimento Local 25. Esse documento, se colocamos assim a seco no livro, é difícil de compreensão logo haverá um texto que vai acompanhar cada casa, com uma parte de história, dessa que sabemos por que não se irá pesquisar em arquivos. Mas porque queremos que isso se torne um pouco mais fácil a ler, um pouco mais vivo e que seja atraente, a associação pediu aos assuntos culturais, não é isso? De nos enviar alguém que chamamos.....um etnógrafo, é isso?

Aurélie D.

Antropólogo.

Louis P.

Um antropólogo, claro, alguém que pesquisa, que trabalha a história, a memória [...] E assim essa jovem foi encarregada pela associação para tentar recuperar algumas informações.

Finalmente, nesse prólogo, o delegado da associação Folclore comtois apresenta as pessoas presente ao redor da mesa, reunidos e confrontados por essa atividade de acordo com os papéis e competências atribuídas: observar casas consideradas como representativas do “setor” pelos delegados locais, representar o habitat do “platô de Levier”, entregar as plantas dessas casas para os arquitetos, se recordar da história da casa, recolher a memória através da entrevista. Instala-se igualmente a entrevista nos moldes da finalidade e temporalidade do projeto: uma pesquisa realizada pela associação de folclore com o objetivo da organização de um livro. Dessa pesquisa a parte etnográfica é apenas uma parte. A casa foi observada como representativa por Louis P., selecionada pela associação para figurar no livro, foram realizados desenhos sobre elementos arquiteturais e trata-se agora de fazer intervir uma antropóloga para “recuperar” os elementos que permitam “fazer viver” sua apresentação. “Não devo dizer besteiras”, afirma Odette G. A economia prevista da leitura- seja a realização de uma obra e mas maneiras supostas de ler- contribui para repartir as competências dos diferentes atores reunidos.

Acontece no entanto, que aqueles a quem se atribui a capacidade de definir as qualidades secundárias do mundo reivindicuem aquela de definir as primárias. Surge então o intempestivo.



Fig.4- Capela de Huin

Outra cena, estamos no Alto Jura, no território da Comuna de Bouchoux. O museu de Casas comtoises de Nancray deve desmontar uma casa adquirida em 2000, a fim de remontá-la em seu lugar. Entre os moradores do lugar a escolha dessa casa causou discordância. Em face ao conhecimento do conselho científico do museu nasce um contra-conhecimento local discutindo critérios como o espaço de referência do “Fric”<sup>51</sup> (que espaço é representado?), seu caráter representativo (essa casa é mesmo típica?), suas características (pequena e habitada por pessoas pobres...). De fato, sua arquitetura não aparece como necessariamente típica: “eu tenho uma fazenda em Enversy<sup>52</sup>, e é verdadeiramente típica! E bom, não é a mesma coisa que essa. Se entra pela porta de entrada, de um lado estão os cômodos, de outro lado está o estábulo. Há

---

<sup>51</sup> Em referência a seu antigo proprietário, Frederico.

<sup>52</sup> Localidade da comuna dos Bouchoux.

duas adegas com abóbadas [...] é o tipo de fazenda certamente mais característica [...], o que chamamos de fazenda a *creupes*<sup>53</sup>.

A região denominada Alto Jura parece muito vasta para ser representada por uma única habitação : “isso não representa um grande setor da região. Assim que se vai ao sul não é mais a mesma arquitetura”, “eu penso que é uma casa bem representativa de um canto, aqui onde estamos, ou seja, algo em torno de 1000 metros. É certo que se vocês sobem 1500-1600 metros não é mais a mesma casa”. Enfim, as particularidades do “Fric” inspiram os habitantes locais a leituras contrastadas, declinando a noção mesma de representatividade: “é muito grande para uma casa antiga [...] é preciso dizer que não é uma casa de altitude”; “ela é talvez um pouco pequena [...]”, “é típica de uma casa pobre”<sup>54</sup>. Esses são os critérios mesmos do museu empregados para discutir a fundamentação de sua escolha: espaço e característica representativa apoiados sobre critérios morfológicos, uma irrupção dos habitantes na cena de qualidades primárias e atestação das casas como formas de estar no mundo.

### **Resíduos**

Dessa questão, ou seja, formas de estar no mundo, não se encontra nenhum traço na casa desmontada que se torna objeto do museu. Por outro lado ela é do Alto Jura e “o interior foi reconstituído e mobiliado tal como era no século XVIII”! A vigilância do patrimônio passou por ali, as hierarquias sociais foram mantidas<sup>55</sup> e as aporias do tratamento das temporalidades, evacuadas. Ponto levado em consideração nos resultados da pesquisa, pelo menos minimamente, aparece a diversidade patrimonial relativo a esse objeto designado pelo museu.

Retornemos à outra pesquisa, aquela sobre a casa do platô de Doubs que evocamos na cena que ocorria na Capela de Huin. Passemos a alguns resultados<sup>56</sup>. Mais

---

<sup>53</sup> Os dois pinheiros são cortados para reduzir a pressão do vento sobre as fachadas.

<sup>54</sup> Ver Noël BARBE, Pierre FLOUX, e Laurent AMIOTTE-SUCHET, « Pragmatique du fonctionnement d’un musée régional », in : N. BARBE (ed.), *Qualifications culturelles et inscriptions territoriales*, Besançon, CRDP, 2006, p. 151-171.

<sup>55</sup> Empregamos o termo vigilância no sentido de Jacques RANCIÈRE, *Aux bords du politique*, Paris, Gallimard, 1998, p. 83.

<sup>56</sup> Ver Noël BARBE e Aurélie DUMAIN, « Mémoires de maisons... Ce que la maison et l’homme vivent ensemble », *Barbizier*, 31, 2007, p. 159-195.

do que objetos que podem ser documentados pela presentificação de seu passado, essas casas são pensadas pelos seus moradores como possíveis de lhes colocar em presença do passado. Suas qualidades memoriais são definidas pela materialidade e o fato de que são resultado da ação humana: essas casas podem colocar a presença de coisas passadas porque atravessaram o tempo. Essa presentificação do passado se faz de acordo com diversas modalidades apreendidas como traços seja do que resta de um passado e permite seguir seus autores, ou como testemunhos de coisas que ali aconteceram. Essas casas se apresentam como pontos de apoio para a recordação de passados pessoais e coletivos com os quais foram co-presença, assim como para a descrição de um mundo em mudança.

Assim elas não estão apenas no passado e presente, mas também no futuro. São construções ucrônicas<sup>57</sup>.

Tomando em sério os atores quando eles parecem estar de acordo para dizer que longe de uma concepção do tempo linear, de acordo com a qual o passado desapareceria para deixar lugar ao presente, deslocado pelo progresso e depois esquecido, nessas casas justamente “o passado” não passa, “não é ultrapassado”!<sup>58</sup>

É como se o eixo do tempo estivesse dobrado e colocasse em correspondência nesse lugar particular, o momento presente e momentos passados, sendo a casa esse espaço de conexão. Nessa relação com o tempo essas casas não valem por si próprias. Não se trata tanto de encontrar uma casa tipo ou uma forma de construção desaparecida, mas a vida dos homens que ali viveram ou coexistiram, os antigos ocupantes com laços de parentesco ou não, o locutor em um momento anterior de sua vida.

Parentes ou pessoas especiais, seres a quem somos devedores, história a explorar e/ou futuro a produzir, instrumento de definição de si próprio, as modalidades de relação com essas casas são múltiplas. Elas são o lugar de entrecruzamentos complexos ou aparecem como qualificadas pelos locutores que ali inscrevem, de acordo com diversos registros e formas de fazer, suas histórias pessoais passadas ou a acontecer e suas identidades, como ponto de apoio da enunciação de um julgamento sobre o movimento do mundo e seu estado esperado, como representantes de um

---

<sup>57</sup> Retomando o termo de Gérard CHOUQUER, *L'étude des paysages : essais sur leurs formes et leur histoire*, Paris, Errance, 2000.

<sup>58</sup> Michel Serres. *Éclaircissements. Entretien avec Bruno Latour*, Paris, François Bourin, 1992, p. 76.

espaço de um tempo, como entrelaçando diferentes temporalidades individuais e coletivas, passado, presente e futuro.

Sob esse ponto de vista essas casas antigas aparecem como lugares no sentido em que Michel Foucault designa como heterotopias<sup>59</sup> ou seja, locais abertos sobre outros locais, espaços cuja missão é de se fazer comunicar entre eles. Difícil relação com a atividade de partida na verdade, talvez marcada pela atribuição unívoca a uma qualidade.

Se os habitantes dos Bouchoux pudessem ser considerados como uma comunidade territorial, esses encontros de casas do platô designados externamente como patrimoniais, podem ser compreendidos como uma comunidade de usuários. Podemos então mensurar a diferença entre uma abordagem pautada pela “leitura participativa” da Convenção e outra museográfica e patrimonial que reclamará, em um momento ou outro como patrimônio cultural imaterial porque trará em questão o saber dos construtores dessas casas. De certa forma construímos resíduos patrimoniais se para isso se entende um ser, humano ou não-humano, descartado em razão de sua insuficiência ou sua pequenez.<sup>60</sup>

De certa forma, colocando o acento sobre os atores da designação patrimonial, o que a Convenção sobre o patrimônio cultural imaterial torna visível – ou mais visível – não é tanto um compartilhamento entre o material e o imaterial das relações entre regimes específicos de patrimônio, um convite possível a uma política do patrimônio contra um governo ou uma política<sup>61</sup>. A questão colocada é uma reminiscência de diferentes tentativas agrupadas na França sob o nome de Nova Museologia, nos anos 1970-62, rapidamente sufocada pelos especialistas. Ali onde certos responsáveis por museus não admitem se deslocar de uma postura pedagógica e da constituição de públicos turísticos e/ou ignorantes, outros vêem na convenção da UNESCO um ponto de apoio para “renovar o laço com uma população” que os cerca e que foi alterada desde sua criação. Isso não poderá ser feito sem mudanças nas modalidades cognitivas mobilizadas habitualmente, tal como o regime dos objetos dispostos no museu.

---

<sup>59</sup> Michel Foucault, « Des espaces autres », in : *Dits et écrits 1954-1988. II, 1976-1988*, Paris, Gallimard, 2001, p. 1571-1581.

<sup>60</sup> Cf. François Dagognet, *Des détritius, des déchets, de l'abject. Une philosophie écologique*, Le Plessis-Robinson, Institut Synthélabo, 1997.

<sup>61</sup> Toujours au sens de J. RANCIÈRE.

<sup>62</sup> Cf. Hugues DE VARINE, *la culture des autres*, Paris, Seuil, 1976 et *L'initiative communautaire, recherche et expérimentation*, Macon, Éditions W/MNES, 1991.

## Referências Bibliográficas

ALEX, B. ; NARBÉY, B. « Dammartin-les-Templiers et Silley-Bléfond sur le plateau de Bouclans », **Barbizier**, 33, pp. 253-273, 2009.

BARBE, N. « Saisir le lieu. La taillanderie de Nans-sous-Sainte-Anne », In : J. -Cl. DAUMAS (ed.), **La mémoire de l'industrie : de l'usine au patrimoine**, Besançon : Cahiers de la MSH Ledoux, Presses universitaires de Franche-Comté, pp. 111-129, 2006.

BARBE, N. « Esquisse d'un portrait de Jean Garneret en intellectuel catholique », In : N. BARBE, F. LASSUS (eds.), **Jean Garneret et l'ethnologie régionale**, Besançon : Éditions du Folklore Comtois, pp. 253-286, 2008.

BARBE, N. ; DUMAIN, A. « Mémoires de maisons... Ce que la maison et l'homme vivent ensemble », **Barbizier**, 31, pp. 159-195, 2007.

BARBE, N. ; FLOUX, P. et AMIOTTE-SUCHET, L. « Pragmatique du fonctionnement d'un musée régional », In : N. BARBE (ed.), **Qualifications culturelles et inscriptions territoriales**, Besançon : CRDP, pp. 151-171, 2006.

BLONDEL, M. **L'itinéraire philosophique de Maurice Blondel. Propos recueillis, par Frédéric Lefèvre**. Paris : Spes, 1928

Blondiaux, L. **Le nouvel esprit démocratique. Actualité de la démocratie participative**. Paris : Seuil, 2008.

BLONDIAUX, L. ; SINTOMER, Y. « L'impératif délibératif », **Politix**, 57, pp. 17-35, 2002.

BRAY, M. **Partenariat avec les communautés dans l'éducation : dimension variation et implication**. Paris : Unesco, 2001.

Chouquer, G. **L'étude des paysages : essais sur leurs formes et leur histoire**. Paris : Errance, 2000.

CUISENIER, J. « Propositions théoriques et conventions terminologiques pour une typologie de l'architecture rurale », In : ROYER, **L'architecture rurale française. Franche-Comté**, Paris : Berger-Levrault, pp. 13-16, 1977.

Dagognet, F. **Des détritiques, des déchets, de l'abject. Une philosophie écologique**. Le Plessis-Robinson : Institut Synthélabo, 1997.

DEMANGEON, A. « L'habitation rurale en France. Essai de classification des principaux types », **Annales de géographie**, 161, pp. 352-375, 1920.

DEMANGEON, A. « La définition et le classement des maisons rurales », **L'amour de l'art**, 7, juillet 1937.

DEMANGEON, A. **Problèmes de géographie humaine**. Paris : Armand Colin, 1942.

FABRE, D. « L'ethnologie française à la croisée des engagements (1940-1945) », In : J. –Y. BOURSIER (ed.), **Résistants et Résistance**, Paris : l'Harmattan, pp. 319-400, 1997.

FABIANI, J.-L. « Maurice Blondel », In : J. JULLIARD et M. WINOCK (eds.), **Dictionnaire des intellectuels français. Les personnes. Les lieux. Les moments**, Paris : Éd. du Seuil, pp. 158-160, 1995.

Girard, Ch. ; Le Gogg, A. (eds.), **La démocratie délibérative. Anthologie de textes fondamentaux**. Paris : Hermann, 2010.

DONZELOT, J. ; EPSTEIN, R. « Démocratie et participation : l'exemple de la rénovation urbaine », **Esprit**, 326, pp. 5-34, 2006.

FAURE, Ch. **Le projet culturel de Vichy. Folklore et révolution nationale, 1940-1944**. Lyon/Paris : Presses Universitaires de Lyon/Éditions du CNRS, 1989.

Foucault, M. **Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines**. Paris : Gallimard, 1966.

GARNERET, J. « Avant-propos », **Barbizier. Bulletin de liaison de Folklore Comtois**, 4, p. 306, 1975.

Garneret, J. ; Bourgin, P. ; Guillaume, B. **La maison du montagnon**. Besançon : Folklore Comtois, 1981,

Guilbert , R. **Maison Pastorale. Les Guinots. Famille Guillaume. Dactyl.**, 1991.

Latour, B. **Politiques de la nature. Comment faire entrer les sciences en démocratie**. Paris : La Découverte, 1999.

LATOUR, B. « Qu'est ce qu'un style non-moderne ? », In : J. AULONT, M. FRIED, C. GRENIER *et al.* **La Parenthèse du moderne**, Paris : Centre Pompidou, pp. 31-46, 2005.

LATOUR, B. « Note sur quelques sens des mots « science » et « politique » dans l'expression « science politique », [en ligne] <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/105-POL-SCI-RFSP.2.pdf> (consulté le 31 mars 2008), article soumis à la Revue Française des Sciences Politiques

LEPETIT, B. « Architecture, géographie, histoire : usages de l'échelle », **Genèses**, 13, p. 118-138, 1993.

LEROI-GOURHAN, A. « Préhistoire. Le problème religieux », In : Y. BONNEFOY (ed.), **Dictionnaire des mythologies**, Paris : Flammarion, p. 302-310, 1981.

LEVI-STRAUSS, Cl. **Tristes tropiques**. Paris : Librairie Plon, 1955.

LEVI-STRAUSS, Cl. **Anthropologie structurale**, chap. XI « La structure des mythes », Paris : Plon, 1974 (1958).

Lugaz, C. **Participation des communautés et accès à l'éducation des groupes défavorisés**.

Paris : Unesco, 2008.

MICOUD, A. « Le Bien commun des patrimoines », In : **Patrimoine culturel, patrimoine naturel**, Paris : La Documentation française, 1995, p. 25-38.

RANCIÈRE, J. **Aux bords du politique**. Paris : Gallimard, 1998.

RANCIÈRE, J. **Politiques de l'esthétique**. Paris : Galilée, 2004.

RIVIÈRE, G.-H. « Un Musée-Laboratoire : le Musée des Arts et Traditions Populaires (Paris) », **Archives suisses des traditions populaires**, tome XLIV, 1947.

Schumpeter, J. A. **Capitalisme, le socialisme et les démocraties**. Paris : Payot, 1967 (1942).

Rosanvallon, P. **La légitimité démocratique. Impartialité, réflexivité, proximité**. Paris : Seuil, 2008.

ROYER, Cl. **L'architecture rurale française. Franche-Comté**. Paris : Berger-Levrault, 1977.

Serres, M. **Éclaircissements. Entretien avec Bruno Latour**. Paris : François Bourin, 1992.

Sintomer, Y. **Le pouvoir au peuple : jurys citoyens, tirage au sort et démocratie participative**. Paris : La Découverte, 2007.

Stengers, I. **L'invention des sciences modernes**. Paris : Flammarion, 1995.

Stengers, I. **Pensez avec Withehead. Une libre et sauvage création de concepts**. Paris : Le Seuil, 2002.

TORNATORE, J.-L. « L'ethnologue et les musées : l'ethnologie comme expertise culturelle », communication présentée à la Commission permanente de la Mission du patrimoine ethnologique, dactyl., 26 mai 1998

TROCHET J.-R. « Sciences humaines et musée : du musée d'ethnographie du Trocadéro au musée national des Arts et Traditions Populaires », **Géographie et Cultures**, 16, pp. 3-30, 1995.

VELAY VALLANTIN, C. « Le congrès international de folklore de 1937 », **Annales. Histoire, sciences sociales**, 2, pp. 481-506, 1999.

VEYNE P. **Foucault. Sa pensée, sa personne**. Paris : Albin Michel, 2008.

VARINE, H. DE **La culture des autres**. Paris : Seuil, 1976

Varine, H. de **L'initiative communautaire, recherche et expérimentation**. Macon : Éditions W/MNES, 1991.

Withehead, A.N. **Le concept de nature**. Paris : Librairie philosophique Vrin, 1998.